

Escultura e sustentabilidade: a dimensão interna

Sara Inácio

PhD candidate, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar a relação entre a arte contemporânea, nomeadamente a área da escultura, e a sustentabilidade. A nossa hipótese é a seguinte: a sustentabilidade, num sentido geral, só se realiza genuinamente a partir do desenvolvimento da consciência, da dimensão interna (ética e espiritual) de cada indivíduo. Este pressuposto é, a nosso ver, a chave fundamental para uma arte e para um modo de vida mais sustentáveis. Começamos por descrever e analisar a evolução do conceito de desenvolvimento sustentável e de sustentabilidade desde a sua formulação até aos atuais 17 objetivos do desenvolvimento sustentável da Agenda 30. Introduzimos e exploramos o recente conceito de *sustentabilidade pessoal* como condição para uma mudança mais profunda do paradigma atual. Em seguida definimos alguns critérios para avaliação da sustentabilidade no campo da escultura: na dimensão interna (ética-espiritual): o processo criativo a partir da conexão interior, o potencial da obra para gerar uma experiência interna transformadora; na dimensão social: promoção de processos colaborativos; na dimensão ambiental: materiais e processos de construção da obra que têm em conta a preservação do planeta. Por fim analisamos criticamente três obras de escultura à luz destes critérios.

Abstract

This work aims to investigate the relationship between contemporary art, namely an area of sculpture, and sustainability. Our hypothesis is as follows: sustainability, in a general sense, is only genuinely realized from the development of consciousness, of the inner dimension (ethical and spiritual) of each individual. This assumption is, in our view, the fundamental key to a more sustainable art and way of life. We begin by describing and analyzing the evolution of the concept of sustainable development and sustainability from its source to the current 17 sustainable development objectives of Agenda 30. We introduce and explore the recent concept of *personal sustainability* as a condition for a deeper change in the current paradigm. Then we define some criteria for assessing sustainability in the field of sculpture: in the inner dimension - ethic and spiritual: the creative process from the inner connection, the potential of the work to generate a transformative inner experience; in the social dimension: promotion of collaborative processes; in the environmental dimension: materials and construction processes of work that take into account the preservation of the planet. Finally, we critically analyze three sculptures in the light of these criteria.

“Estamos num tempo de síntese profunda, de esculpir a própria consciência.”

Daniel Gagliardo

Introdução

Neste texto evidenciamos duas componentes da sustentabilidade. Por um lado, uma vertente mais externa, em que o desenvolvimento sustentável é concebido em função da continuidade de um padrão de vida assente na visão dualista do antropoceno. Por outro lado, a vertente

que inclui e enfatiza a dimensão ética-espiritual¹ (que

1 - Esta dimensão está contemplada em todas as tradições sapienciais da humanidade e Fritjof define como “experiência de unidade que transcende não apenas a separação entre mente e corpo, mas também a separação entre o *self* e o mundo [...], um sentimento de pertença ao universo como um todo. [...] Quando olhamos para o mundo à nossa volta, descobrimos que não estamos atirados para o caos e para a aleatoriedade, mas somos parte de uma grande ordem, uma grande sinfonia da vida. [...] Espírito – o sopro da vida – é o que temos em comum com todos os seres vivos. Nutre-nos e mantém-nos vivos. Capra, F. (2002). *The hidden connections: Integrating the biological, cognitive and social dimensions of life into a science of sustainability*. New York: Doubleday, p. 68-69.

designamos por dimensão interna) como condição basilar para uma vida e uma arte sustentáveis. Enunciamos ainda alguns princípios de avaliação da sustentabilidade no campo da escultura, que visam abrir possibilidades para a conceção de projetos artísticos em sintonia com o equilíbrio planetário.

Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável - história e evolução dos conceitos

Etimologicamente, a palavra sustentável vem do latim *sustentabile*, isto é, o que se pode sustentar. Por sua vez, sustentar, do latim *sustentāre* significa amparar, alimentar, dar ânimo a, alentar.² Aquilo que é sustentável tem a capacidade de permanecer, resistir, perdurar, de se conservar mantendo o seu valor. Atualmente, em termos gerais, quando mencionamos a palavra sustentabilidade referimo-nos a um modelo de desenvolvimento económico que visa a melhoria de vida das populações, tendo em conta a preservação dos ecossistemas e recursos naturais. No entanto, temos vindo a afastar-nos, a passos largos, desta meta. O ser humano é, neste momento, a maior ameaça para a sua própria sobrevivência e para a vida na Terra.

A palavra “sustentável” começou por ser utilizada em 1713. Hans Carl von Carlowitz escreveu o tratado *Sylvicultura Oeconomica*³ onde usou a expressão *Nachhaltende Nutzung* (utilização sustentável). A noção de *desenvolvimento sustentável* surgiu como ideal sobretudo a partir do início dos anos 70, no seguimento dos primeiros indícios de uma crise ambiental. Os anos 50 ficaram marcados pelos riscos da poluição nuclear; nos anos 60, a bióloga Rachel Carson alertou para os perigos inerentes ao uso de pesticidas e inseticidas químicos.

Em 1972 realizou-se um evento mundial (Conferência de Estocolmo), após a ocorrência de chuvas ácidas nos países

2 - É curioso verificar que o termo sustentar pode ser entendido numa vertente mais material (alimentar) e numa dimensão mais imaterial (dar ânimo a, alentar) - ânimo, do latim *animus* (alma, espírito).

3 - Este tratado surgiu como resposta ao problema da escassez de madeira, provocada pela desflorestação feita por potências coloniais e industriais europeias nos seus territórios. Com o excessivo corte de árvores para alimentar a produção industrial e para a construção de navios tornou-se claro que seria necessária uma gestão sustentável dos recursos naturais. Isto implicava respeitar o tempo que as terras necessitam para se regenerarem e produzirem segundo o seu ritmo natural.

nórdicos, onde se estabeleceu um acordo internacional para reduzir a emissão de gases responsáveis pelas chuvas. Nesta conferência, os países desenvolvidos tinham como foco principal a defesa do meio ambiente, já os países subdesenvolvidos pretendiam mais determinação no combate à pobreza. Através da Organização das Nações Unidas foi criado um documento (*Only one Earth*) em que se concluiu que os problemas ambientais tinham uma dupla origem: por um lado, o excesso de desenvolvimento económico (indústria e tecnologia agressiva e consumo excessivo de recursos) e, por outro, as condições de pobreza e o crescimento demográfico exponencial de vários países. Tornou-se assim clara a inter-relação entre as questões sociais, ambientais e económicas.

Nesse mesmo ano, o Clube de Roma⁴ publicou o relatório intitulado *Limites do Crescimento*⁵, alertando para o facto de que os recursos do planeta são limitados e que não é possível um crescimento económico ilimitado. O relatório preconizava a cooperação entre todos os países, enfatizando o direito de toda a “família humana” a ter acesso aos bens essenciais, destacando o impacto alarmante da ação do homem na Terra, nomeadamente através da indústria.⁶ Apesar dos esforços no sentido de agilizar soluções para os problemas identificados, a avaliação da ONU, dez anos depois, revelou que os resultados ficaram muito aquém do que seria necessário.

Em 1987, foi então criada a *World Commission on Environment and Development*, liderada pela primeira ministra da Noruega Gro Brundtland, e publicado *Our Common Future*, onde se apresentou a célebre definição de desenvolvimento sustentável: “o desenvolvimento que atende às necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir as suas próprias necessidades.” Ou seja, qualquer iniciativa ou ação implementada deveria sempre salvaguardar a possibilidade de outros, no futuro, também conseguirem

4 - <https://clubofrome.org/>

5 - Texto onde são identificados os problemas comuns a toda a humanidade: “pobreza, degradação do ambiente, perda de confiança nas instituições, crescimento urbano descontrolado, insegurança de emprego, alienação da juventude, rejeição dos valores tradicionais, inflação e outras disrupções económicas e monetárias”.

6 - Uma das conclusões a que se chegou foi a de que, se a humanidade continuasse a consumir do mesmo modo os recursos naturais, estes esgotar-se-iam em menos de 100 anos.

obter o necessário para a sua sobrevivência e bem-estar. No documento foram abordados temas como o aquecimento global, a desertificação dos solos, o desequilíbrio provocado pela exploração dos recursos naturais, a utilização do espaço para além da terra, os conflitos entre nações (uma das principais causas de insustentabilidade) e delineadas estratégias para conciliar a preservação do meio ambiente com o desenvolvimento económico e social. Foram definidos os três pilares da sustentabilidade: economia (desenvolvimento económico), sociedade (justiça social) e ambiente (preservação de ecossistemas e recursos). Tornou-se evidente que estes três têm de ser pensados de uma forma sistémica.

As *Conferências das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável* no Rio de Janeiro (1992 e 2012) deram origem a diferentes documentos (*Agenda 21* e *O Futuro que queremos*) que propunham, uma vez mais, novos objetivos de desenvolvimento para o século XXI. Em 2015, a ONU criou a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, uma declaração que inclui os *17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável* (ODS) e as suas 169 metas. Esta Agenda tem novamente o intuito de integrar os diversos componentes do desenvolvimento sustentável (pessoas, planeta, prosperidade, paz e parcerias) e envolver todos os países na construção de um futuro mais “próspero, justo e seguro”, “sem deixar ninguém para trás”.

Apesar dos vários esforços no sentido de encontrar uma situação de equilíbrio para a vida planetária, o termo *desenvolvimento sustentável* tem sido alvo de alguma controvérsia. Vários autores⁷ referem que o termo está assente em pressupostos e na mesma visão capitalista que gerou a situação insustentável do planeta: a noção de *crescimento* e *progresso* veiculada pelo pensamento positivista, pela revolução industrial e científica. Uma das questões que tem atravessado todas as iniciativas acima mencionadas, e que ainda hoje é tema de reflexão, é a dificuldade de combinar a expectativa de um crescimento económico com o necessário equilíbrio ambiental, através da redução da poluição industrial e do consumo de recursos, pois dificilmente será possível assegurar para toda a

população mundial o modelo atual de desenvolvimento dos países mais desenvolvidos⁸

As contradições deste modelo deram origem, nos anos 70, ao conceito de *decrecimento* (Andre Gorz) em economia. A tese é simples: não é possível um crescimento ilimitado, como protagoniza o modelo vigente, porque os recursos do planeta são finitos. Seria necessária uma mudança de paradigma em que a melhoria das condições de vida não dependesse do aumento do consumo dos recursos, ou seja, uma “prosperidade sem crescimento” – tentar viver melhor consumindo e produzindo menos. Neste sentido, foram propostos modelos económicos alternativos: economia circular, solidária, regenerativa e criativa.

A partir dos anos 60 e 70, vários autores, convictos de que a solução teria necessariamente de incluir uma conceção mais holística da existência, propuseram diferentes abordagens que podemos considerar dentro do espírito da sustentabilidade.⁹ Estas abordagens têm em conta a dimensão ética e espiritual do ser humano e da vida planetária.

Recentemente, foi proposto o conceito de *sustentabilidade pessoal*, um novo campo de investigação académica que enfatiza a importância da transformação do ser humano para uma mudança global. Esta expressão (do alemão “personale Nachhaltigkeit”) foi cunhada em 2008, no *Karlsruhe Institute of Technology*. Parodi e Tamm¹⁰,

8 - Se todos os habitantes da Terra tivessem o nível de consumo norte-americano, seriam necessárias três Terras para garantir os recursos energéticos e materiais suficientes.

9 - Em 1973, Arne Naess, criou o conceito de *ecologia profunda*. Segundo Naess a vida é uma rede complexa de inter-relações constituída não apenas por fatores bióticos, mas também por relações éticas em que todos os seres são valorizados, e não vistos como meros recursos. Nesta visão mais integral da vida, a ecologia deixa de ser um simples ramo da biologia. Em 1978, Bill Mollison propôs o conceito de permacultura com o objetivo de criar ambientes sustentáveis com base em três máximas éticas: “1. cuidar da Terra, 2. cuidar das pessoas, 3. partilhar os excedentes (que inclui conhecimentos) e cuidar do futuro. Satish Kumar, em 2013, chamou também a atenção para a importância da noção de cuidar num sentido alargado: cuidar do solo (a “mãe natureza”), da alma (o “ser interior”) e da sociedade, reconhecendo a interdependência entre todos estes fatores (a tríade *Soil, Soul, Society*).

10 - Tamm, K.; Parodi, O. (Eds.). (2018). *Personal Sustainability: Exploring the far side of sustainable development*. London and New York: Routledge.

7 - Redclift, M.; Springett, D. (Eds.). (2015). *Routledge International Handbook of Sustainable Development*. London and New York: Routledge; Caradonna, J. L. (2014). *Sustainability: A History*. Oxford, New York: Oxford University Press

ambos envolvidos neste processo, defendem que o desenvolvimento sustentável em geral (social, económico e ambiental) implica a transformação do ser humano a nível “pessoal (intra e interpessoal), psicológico, antropológico, filosófico, estético e espiritual”. Os autores consideram que tem havido demasiado foco nos processos coletivos (social, ambiental e económico); em alternativa, propõem como fator chave a dimensão interior, subjetiva e individual da sustentabilidade.

Nesta linha de pensamento, Paulo Borges sublinha que a crise contemporânea tem sobretudo origem num “determinado estado da mente e da consciência”, no “fator interno”: a ilusão da separação entre o ser humano, o mundo e as outras formas de vida (que decorre da “ficção da separação entre mente e mundo”).¹¹ Segundo o autor é esta perceção distorcida da realidade que está na raiz da crise social, económica, política e ambiental. Um ego (individual e coletivo) que se vê como uma entidade separada dos demais e do planeta acaba por assumir uma atitude predatória e destruidora da vida na Terra. Viver em função de desejos, caprichos e necessidades não essenciais gera uma “matriz cultural e civilizacional disfuncional e letal”. O autor defende que a verdadeira saída para esta situação não pode advir de medidas superficiais focadas apenas nos fatores externos da crise.¹² A solução terá de ser de cariz espiritual, ou seja, é preciso eliminar a “perceção errada da natureza das coisas” ou a ilusão de separatividade.

Satinder Dhiman¹³ considera igualmente que a sustentabilidade está relacionada com o desenvolvimento e crescimento espiritual do ser humano. A sustentabilidade em geral deve assentar sobretudo numa escolha ética individual e não em soluções impostas pela ciência, pelo estado ou instituições internacionais. Defende por isso a

11 - Borges, P. (2017). *Meditação, a Liberdade Silenciosa: Da mindfulness ao despertar da consciência*. Lisboa: Edições Mahatma, p.52.

12 - “Com efeito, é insensato continuar a alimentar a expectativa, como desde há séculos com uma frustração crescente acontece, de que a solução de uma questão interna à consciência possa vir de meras reformas, sempre parciais e superficiais, nos domínios externos onde os seus sintomas se manifestam mais visível e sensivelmente, precisamente a esfera social, económica, política e ambiental.”, op. cit., p. 53.

13 - Dhiman, S.; Marques, J. (Eds.). (2016). *Spirituality and Sustainability: New Horizons and Exemplary Approaches*. Burbank, CA: Springer.

necessidade do cultivo das qualidades éticas e espirituais do ser humano: “sabedoria, compaixão, altruísmo, abundância, igualdade, sinergia, despertar, felicidade”; caso contrário, os esforços rumo à sustentabilidade não serão bem sucedidos. Numa obra recente,¹⁴ João Peneda considera que a saída para a condição humana é sobretudo ética e espiritual, passando pela “intuição”, recetividade à “voz da consciência” e “sentir do coração” (“alma”). Só esta saberá o que é necessário e correto manifestar em cada situação. Para chegarmos a esta orientação interna, é preciso todo um trabalho de “expansão da consciência” que implica um processo de apropriação de si mesmo e de autotransformação. Só desta forma podemos “expressar possibilidades de existência mais evolutivas” e “atender a necessidades mais elevadas”.¹⁵

Em suma, as medidas governamentais (fator externo) em prol da sustentabilidade são importantes, mas não alteram, com a urgência necessária, o modelo de desenvolvimento vigente e sobretudo a convicção profunda das pessoas. Por seu lado, as abordagens mais holísticas acentuam a interdependência de todos os fatores envolvidos, remetendo para o grau de consciência do indivíduo (fator interno) a chave para o dilema atual. Defendem que só haverá uma mudança mais rápida e radical de paradigma se apostarmos na dimensão ética e espiritual do ser humano. A nosso ver, a dimensão interna (ética-espiritual) da sustentabilidade seria a base (fig.1) ou o núcleo (fig. 2) a partir dos quais emanariam todas as áreas da vida (economia, educação, cultura, arte, preservação do ambiente, etc.). A partir de um processo de conexão interior,¹⁶ de expansão da consciência e duma visão holística seria então possível restaurar o equilíbrio planetário.

14 - Peneda, J. (2020). *Ensaios: o Estético, o Ético e o Espiritual*. Edição de Autor.

15 - Segundo o autor trata-se de “necessidades maiores, isto é, relacionadas com o bem de todos nas diversas áreas da vida: ambiente, educação, sociedade, economia, política e evolução espiritual.” op. cit., p. 132.

16 - Atitude de recetividade à vida interna, comunhão íntima consigo mesmo. Gagliardo, D. (2019). *A Luz do Peregrino*. Lisboa: Espiral Editora.

Arte e Sustentabilidade

Os discursos sobre sustentabilidade só começaram a incluir a dimensão cultural nos anos 90.¹⁷ Em 1996, a exposição “Villette-Amazone”, em Paris, propunha uma reflexão acerca do papel da cultura na transformação da relação entre o homem e o ambiente. Em 1998 a *UNESCO Summit on Culture and Sustainable Development* (intitulada “The Power of Culture”) chamou a atenção para a interdependência entre cultura e sustentabilidade (sobretudo económica). A nível da investigação académica, a integração da dimensão cultural no campo da sustentabilidade ocorreu em 1990. Na Alemanha, em 2002, realizaram-se esforços no sentido de integrar a cultura na Agenda 21, no entanto, apenas em 2004 surgiu a “Agenda 21 para a Cultura”, salientando a importância de um “ecossistema cultural”.¹⁸

Em 2006, os curadores e historiadores de arte Maja e Reuben Fowkes enunciaram alguns princípios da sustentabilidade para a arte contemporânea.¹⁹ Estes autores enfatizam a vertente ambiental e ética das práticas artísticas. Na vertente ética, sublinham a importância da arte pública colaborativa ou socialmente comprometida, por contribuir para uma sociedade mais humana (menos alienada e entorpecida) e por fomentar a participação e a cooperação e a responsabilidade social.²⁰ Na vertente

17 - Curiosamente, fora dos discursos mais institucionais sobre sustentabilidade, a artista e escritora Louwrien Wijers (que considera que a escrita e ações de intervenção na sociedade são *escultura mental*), contemporânea de Joseph Beuys, organizou o encontro *Art meets Science and Spirituality in a changing Economy*. O evento, realizado em 1990, no Stedelijk Museum, em Amsterdão (e repetido em 1996 no Kunsthall Charlottenborg, Copenhaga) reuniu artistas, cientistas, líderes espirituais e economistas com o intuito de explorar o paradigma duma visão holística do mundo e as suas implicações para a economia global. Consultar <https://www.louwrienwijers.nl/> (acedido em 18.12.2020) e <https://www.gaia.com/series/art-meets-science-and-spirituality-changing-economy> (acedido em 18.12.2020).

18 - Kagan, S. (2011). *Art and Sustainability: Connecting Patterns for a Culture of Complexity*. London: Transaction Publishers.

19 - Fowkes, Maja and Reuben (2006). *The Principles of Sustainability in Contemporary Art*. Praesens-Contemporary Central European Art Review; Fowkes, Maja and Reuben (2012). *Art and Sustainability*, in *Enough for All Forever: A Handbook for Learning about Sustainability*. Illinois: Common Ground Champaign.

20 - Acerca deste tema sugerimos a leitura: Bishop, C. (2012). *Artificial Hells: Participatory Art and the Politics of Spectatorship*. London, New York: Verso.

ambiental, a criação artística está submetida a uma ética ecológica e, sobretudo, a uma reinvenção da existência em colaboração com a natureza. Os autores em causa salientam sobretudo o potencial das práticas artísticas para gerar alternativas sustentáveis para a vida e para a arte. Vários autores e artistas têm assumindo a relevância da dimensão interna do processo criativo. Muitos consideram que a prática artística a partir da conexão interior e do desenvolvimento da consciência pode ser um contributo para a transformação individual e coletiva.

Na década de 70, Chogyam Trungpa introduziu no ocidente o conceito de *dharma art*,²¹ que estabelece uma relação entre o ato criativo e o desenvolvimento de um estado desperto da consciência. Para Trungpa, a noção de arte não se restringe à prática formal de disciplinas artísticas, mas refere-se à maestria da própria vida, da totalidade dos aspetos que constituem a existência.²² Foi neste sentido que utilizou a expressão “arte da vida quotidiana”.²³

21 - “Dharma art refere-se àquela arte que brota de um certo estado da mente por parte do artista que poderia ser chamado de estado meditativo. É uma atitude de integridade e de naturalidade no trabalho criativo de cada um”. Trungpa, C. (2010). *True Perception: The Path of Dharma Art*. Boston & London: Shambala., p. 13.

22 - Em 1974, Chogyam Trubgpa fundou o Naropa Institute, hoje Naropa University (<https://www.naropa.edu/>), um espaço que concilia a criatividade, o estudo académico e o crescimento pessoal. Foi um local de encontro de artistas como John Cage, Meredith Monk e William Burroughs. A sua visão e ideal de universidade consistia na conjugação da aquisição de conhecimentos externos com o cultivo da sabedoria interior e da compaixão; esta articulação é a base da educação contemplativa.

23 - Chogyam Trungpa, Thich Nhat Hanh e Daniel Gagliardo são autores que fundaram comunidades que aspiram a uma vida harmoniosa em todas as suas dimensões. Os três autores utilizam a expressão “arte de viver” ou “arte da vida quotidiana”. Embora não façam uma referência explícita à sustentabilidade. Consideramos que se trata de projetos que são a expressão de uma genuína aspiração e determinação para materializar padrões de vida sustentáveis. A propósito da “arte de viver” Gagliardo refere: “O artista procura ser uma ferramenta de harmonia e equilíbrio, porque a sua manifestação, a sua essência, é harmonizar a vida, equilibrar a vida. [...] A vida interna tem a capacidade de passar símbolos para a vida externa. Estes, com uma linguagem muito sintética mas poderosa, estimulam a transformação dos seres. Quando você vê uma pintura ou escuta uma música que foi inspirada pela vida interna, fica perante aquele símbolo que estimula, em si, a síntese para se afastar da superficialidade e encaminha a sua consciência para a simplicidade [...]. A verdadeira arte é um contributo profundo para a consciência, só tem esse sentido – um contributo profundo para a vida. Por isso falamos de arte de viver. E como é que todos po-

Na mesma década, Joseph Beuys criou o conceito de *escultura social*.²⁴ Inspirado pelo pensamento de Rudolf Steiner, considera que cada indivíduo é um “ser espiritual”, com capacidade para pensar e criar o que é necessário em cada situação.²⁵ Assim, a sua prática artística (que partia de processos internos como “atelier interior” e “esculpir interior” não se limitava à criação de objetos artísticos/esculturas, mas incluía processos de diálogo, ações participativas, formas de educação, formas de ação direta na esfera social “conceção expandida da arte”.²⁶ A ligação e o envolvimento com a sociedade era para si fundamental.²⁷ Defendia que, como seres criativos,²⁸ todos temos o

demos treinar para ser artistas desta natureza, da arte de viver? Temos que ir para a fonte dessa arte que é a consciência, a essência presente em todos nós, no nosso interior. Daniel Gagliardo, Palestra Da arte a nível psíquico à arte de viver (na Faculdade de Belas Artes-UL, 2018) (https://www.youtube.com/watch?v=i88D-c-Bx6oE&ab_channel=UksimEuropa) (acedido em 15.12.2020). Também a filosofia, na sua origem, significava arte de viver, cuidar do si para então poder aceder à verdade. Foucault, M. (2005). *The hermeneutics of the subject: lectures at the College de France, 1981-1982*. New York: Palgrave Macmillan.

24 - Do alemão “Soziale Plastik”. A escultura social utiliza “materiais invisíveis” como discurso, debate e pensamento (“speech, discussion and thought”) e explora a relação entre imaginação e transformação (individual e social).

25 - Também Daniel Gagliardo define energia criativa como a capacidade de agir em conformidade com o que é necessário a nível interno (relação entre criatividade e necessidade interna). Este tema tem sido desenvolvido por João Peneda: “[...] só há arte na medida em que formos capazes de realizar, em alinhamento com os estímulos da alma, o que é evolutivo em cada situação, caso contrário estamos apenas a lidar com expressões da nossa personalidade ou com o condicionamento coletivo.” Peneda, J. (2020). *Ensaio: o Estético, o Ético e o Espiritual*. Edição de Autor, p. 148.

26 - Beuys, J. (2004). *What is Art? Conversation with Joseph Beuys*. Forest Row, UK: Claiview Books.

27 - Beuys descreve o impulso criativo como “amor que surge da conexão com o mundo” (love that comes from ones connectedness with the world”). Joseph Beuys, citado em Zumdick, W. (2013). *Death keeps me awake*. Baunach, Germany: Spurbuchverlag, p. 99. Este livro estabelece relações entre o pensamento de Joseph Beuys e de Rudolf Steiner.

28 - Referimos duas obras para um aprofundamento da relação entre a consciência e a criatividade inerente a todos os sistemas de vida: Goswami, A. (2014). *Quantum creativity: think quantum, be creative*. New York: Hay House, Inc.; Capra, F. (2002). *The hidden connections: Integrating the biological, cognitive and social dimensions of life into a science of sustainability*. New York: Doubleday

potencial para criar “uma nova terra”, “um novo futuro planetário”.

Crítérios para avaliação da sustentabilidade no campo da arte (escultura)

Existem vários fatores que contribuem para aferir o grau de sustentabilidade numa obra de arte. Na área da escultura, podemos enunciar alguns princípios orientadores para uma análise crítica da prática artística, da obra ou da sua receção, com o objetivo de apurar o grau de sustentabilidade:²⁹

Na dimensão interna (ética-espiritual), indagamos se a obra proporciona uma experiência interna transformadora e de tomada de consciência acerca da existência; se resulta de um processo criativo a partir da conexão interior/consciência desperta.

Na dimensão social, podemos averiguar de que modo é que o processo de criação promove a participação ativa, a cooperação, o sentimento de pertença e de partilha dentro da comunidade em causa; se potencia intercâmbios culturais.

Na dimensão ambiental, podemos aferir se há utilização de materiais não poluentes e recicláveis, e se o processo que vai desde a construção da obra até ao seu estado de exposição (ou deposição) comporta impactos significativos para o ambiente. Tem interesse analisar se há cooperação com a natureza (com o reino mineral, vegetal ou animal) ou se é uma intervenção desligada da dinâmica do ecossistema. Ou seja, existe uma diferença entre uma obra realizada *na* natureza ou *com* a natureza.³⁰

29 - Uma reflexão acerca destes princípios pode ser útil, sobretudo no processo de conceção de uma obra, caso haja, da parte do artista, uma motivação genuína para produzir algo a partir da aspiração a uma vida planetária sustentável.

30 - Poderíamos ainda incluir nestes critérios a dimensão económica, questionando: existe uma troca justa entre o trabalho/energia despendidos na criação da obra e os honorários auferidos? De que forma a obra é geradora de riqueza económica para alguma entidade (artista, colecionador, museu, galeria, autarquia, turismo)?

Exemplos no campo da escultura

Vamos apresentar três obras no âmbito da escultura: uma dos anos 80, outra da década de 90 e um projeto atual de escultura social. O objetivo é analisar e definir sumariamente a natureza e o grau de sustentabilidade destes projetos.

Série *Esculturas Rupestres*, Ana Mendieta, Parque Jaruco, Cuba, 1981. (Fig. 3)

Trata-se de um conjunto de formas esculpidas na terra e nas paredes de calcário de algumas grutas. A artista estabelece uma ligação com a força telúrica.³¹ Mendieta interagiu diretamente com o espaço natural, com a matéria em estado bruto, deixando marcas efêmeras na terra, inscrições que acabarão por desaparecer com o tempo. Neste tipo de obras, o mais importante não é a duração ou a permanência dos objetos realizados, mas algo que está para além da sua componente material e que pode ser manifestado através processo artístico.³²

Avaliação do ponto de vista da sustentabilidade: Existe, por parte da artista, uma consciência da unidade entre o ser humano e a terra, embora a obra em si não reflita uma cooperação explícita com os reinos da natureza. Sendo uma intervenção efêmera na terra, desaparece gradualmente, não deixando qualquer resíduo no local. Não existe nenhum processo de trabalho agressivo para o ambiente. Os seus textos salientam o valor espiritual da arte. Muitas das suas

31 - "A minha arte é um regresso à fonte maternal. Através das minhas esculturas de terra/corpo eu torno-me uma com a terra... eu torno-me uma extensão da natureza e a natureza torna-se uma extensão do meu corpo. Este ato obsessivo de reafirmar os meus laços com a terra é realmente a reativação de crenças primevas... numa força feminina omnipresente, a imagem remanescente de ser englobada dentro de um útero, numa manifestação da minha sede de ser". Ana Mendieta citada em Zegher, C. (ed.) (1996). *Inside the Visible: an elliptical traverse of 20th century art in of and from the feminine*. Cambridge: The MIT Press, 1996. [Obra publicada por ocasião da exposição organizada e patente no Institute of Contemporary Art, Boston, Estados Unidos, de 30 de Jan. a 12 de Maio de 1996. [Tradução livre].

32 - "Creio que a arte, apesar de ser uma parte material da cultura, tem como principal valor o seu papel espiritual e a influência que exerce na sociedade, porque a arte é o resultado de uma atividade espiritual do homem e é a principal contribuição para o seu desenvolvimento intelectual e moral." Ana Mendieta citada em Ruido, M. (2002). *Arte Hoy: Ana Mendieta*. Hondarribia: Editorial Nerea, S.A., p. 85. [Tradução livre].

obras são realizadas com um sentido de "cura, purificação e transcendência",³³ o que pode revelar uma intenção harmonizadora.

Eyes Turned Inwards (Olhos voltados para dentro), Anish Kapoor, 1993. (Fig. 4)

Trata-se de uma escultura de fibra de vidro e pigmento vermelho escuro, composta por dois elementos que se assemelham a cúpulas, colocadas com as aberturas frente a frente. Existe entre as duas peças um espaço que pode ser ocupado e atravessado pelo observador. Tal como acontece em muitas obras do artista, as formas ativam intensamente a percepção do observador, quer pela sua cor vibrante, quer pela sua escala imersiva e pelo modo como são colocadas no espaço. Potenciam uma experiência em que parece haver uma suspensão do espaço e do tempo. O título da obra, *olhos virados para dentro*, acentua a dimensão interna da experiência, convida à auto-imersão, à contemplação e à consciência de si. São formas simples, depuradas e côncavas, espaços vazios que evocam silêncio - o silêncio interior e o silêncio do imenso espaço cósmico. Remetem para algo mais vasto que o próprio observador, para uma dimensão profunda da existência e parecem mesmo conter o potencial de proporcionar uma experiência de dissolução do ego.³⁴

Avaliação do ponto de vista da sustentabilidade: a obra tem o potencial de operar uma experiência transformadora e de interiorização no observador, ativando a consciência de si e a conexão com algo mais vasto e essencial. Em contrapartida, aparentemente, os materiais e os processos utilizados não os mais sustentáveis.

Landing Strip for Souls (Pista de Poiso para Almas), Shelley Sacks, (projeto iniciado em 2000) (Fig. 5)

Este é um projeto de *escultura social*³⁵ (prática artística expandida e interdisciplinar), iniciado em 2000 e que continua em desenvolvimento. Explora a relação entre imaginação e a criação de um mundo sustentável. Shelley Sacks utiliza metodologias desenvolvidas por Joseph Beuys (com quem trabalhou várias décadas) com "práticas

33 - Kastner, J.; Walls, B. (1998). *Land and Environmental Art*. London: Phaidon, p.121.

34 - <https://www.christies.com/lot/lot-anish-kapoor-b-1954-untitled-6100731/> (acedido em 15.12.2020).

35 - <http://www.social-sculpture.org/> (acedido em 15.12.2020).

conectivas”.³⁶ Tal como Beuys, nos eventos que organiza (conferências, aulas, fóruns, etc), a autora explora os materiais invisíveis da escultura, nomeadamente modos de ativar a imaginação e as potencialidades internas dos participantes (“inner technologies”).³⁷ Este processo possibilita o desenvolvimento da responsabilidade de cada um perante a sua própria vida,³⁸ a capacidade de dar resposta a qualquer circunstância. Por outro lado, potencia o “pensar e imaginar em conjunto” de forma a agir conscientemente na criação de um futuro sustentável. Os seus projetos colaborativos (como a *Universidade das Árvores*³⁹ e o *Fórum da Terra*), que designa como “instrumentos de consciência”, relacionam processos internos e externos. O intuito de Sacks é proporcionar espaços onde é possível “reconfigurar” a relação com o mundo, desenvolver uma mentalidade em que a consciência da interdependência é a base para qualquer ação.

Avaliação do ponto de vista da sustentabilidade: existe, por parte da artista, uma forte motivação para operar mudanças significativas (em termos individuais e coletivos). Os participantes têm oportunidade de desenvolver recursos internos (“inner technologies”) que podem ser utilizados ao longo da sua vida. Não existe propriamente um objeto artístico material em resultado do processo de trabalho e, portanto, não há impacto ambiental. A sua metodologia é extremamente inovadora uma vez que acrescenta ao conceito expandido da arte (Joseph Beuys) as práticas de conexão interna.⁴⁰

36 - Os fundamentos do seu pensamento e metodologias de trabalho estão claramente descritas em: Sacks, S. (2018). Sustainability without the I-sense is nonsense: inner “technologies” for a viable future and inner dimension of sustainability. In Tamm, K.; Parodi, O. (Eds.). (2018). *Personal Sustainability: Exploring the far side of sustainable development*. (pp. 253-277). London and New York: Routledge.

37 - *As tecnologias internas* são recursos internos (capacidade de imaginar, de criar imagens e conceber futuros sustentáveis, pensamento intuitivo, *responsabilidade* - capacidade de dar resposta a qualquer circunstância). Sacks relaciona a *responsabilidade* com o conceito de *aesthetics*, por oposição a *anesthetic* (anestesia, dormência).”, op. cit., pp. 258-259.

38 - Para Sacks o processo criativo está relacionado com o *sentido do eu (I sense)*- um dos doze sentidos definidos por Rudolf Steiner, aquele que permite a conexão com o próprio *ser* e com o *ser* do outro.

39 - <http://www.social-sculpture.org/university-of-the-trees/> (acedido em 18.12.2020).

Em suma, podemos constatar que as diversas obras realçam aspetos diferentes da sustentabilidade: o sentimento de unidade com a Terra; a consciência de si e da comunhão com algo mais vasto; os processos de conexão e transformação interna como base para a mudança social.

Conclusão

O conceito de sustentabilidade sofreu várias vicissitudes e afinações ao longo do tempo. Tornou-se mais abrangente, incluindo todas as áreas da vida. Como vimos, o fator chave é o desenvolvimento da consciência, a dimensão interna (ética-espiritual). Nos exemplos artísticos analisados constatámos que nem sempre estão contempladas todas as dimensões da sustentabilidade. Numa mesma obra coexistem aspetos muito diversos, nem sempre alinhados com a exigência global de sustentabilidade, daí que a atitude/intenção por parte do artista seja um aspeto essencial. É a partir duma conceção holística da existência e da conexão interior que se pode agir positivamente no sentido da sustentabilidade, quer na vida quer na arte. Neste sentido, a escultura, na sua aceção mais expandida, poderá contribuir para reinventar novas formas de existência⁴¹ num espírito de co-criação, integrando as várias áreas da experiência humana (educação, cultura, ambiente, etc.). Este será o grande desafio do século XXI e das próximas gerações.

40 - A propósito da relação entre prática artística e práticas meditativas consultar: <https://www.artmonastery.org/> (acedido em 17.12.2020).

41 - Daniel Gagliardo, a propósito duma questão acerca do sentido último da escultura, refere: “A consciência transforma-se. Muda. Pode ampliar-se.[...] estamos num tempo de síntese profunda, de esculpir a própria consciência”, (em correspondência via email, Maio 2020).

Bibliografia

- Borges, P. (2017). *Meditação, a Liberdade Silenciosa: Da mindfulness ao despertar da consciência*. Lisboa: Edições Mahatma. ISBN 978-989886517-5.
- Beuys, J. (2004). *What is Art? Conversation with Joseph Beuys*. Forest Row, UK: Claiview Books.
- Capra, F. (2002). *The hidden connections: Integrating the biological, cognitive and social dimensions of life into a science of sustainability*. New York: Doubleday.
- Caradonna, J. L. (2014). *Sustainability: A History*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- Dhiman, S.; Marques, J. (Eds.). (2016). *Spirituality and Sustainability: New Horizons and Exemplary Approaches*. Burbank, CA: Springer.
- Foucault, M. (2005). *The hermeneutics of the subject: lectures at the College de France, 1981-1982*. New York: Palgrave Macmillan.
- Fowkes, Maja and Reuben (2006). *The Principles of Sustainability in Contemporary Art*. Praesens-Contemporary Central European Art Review.
- Gagliardo, D. (2019). *A Luz do Peregrino*. Lisboa: Espiral Editora.
- Jeremy L. C. (2014). *Sustainability: A History*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- Kagan, S. (2011). *Art and Sustainability: Connecting Patterns for a Culture of Complexity*. London: Transaction Publishers.
- Kastner, J.; Walls, B. (1998). *Land and Environmental Art*. London: Phaidon. ISBN 07148 45191.
- Peneda, J. (2020). *Ensaio: o Estético, o Ético e o Espiritual*. Edição de Autor. ISBN 9798670728409.
- Redclift, M.; Springett, D. (Eds.). (2015). *Routledge International Handbook of Sustainable Development*. London and New York: Routledge.
- Sacks, S. (2018). Sustainability without the I-sense is nonsense: inner “technologies” for a viable future and inner dimension of sustainability. In Tamm, K.; Parodi, O. (Eds.). (2018). *Personal Sustainability: Exploring the far side of sustainable development*. (pp. 253-277). London and New York: Routledge.
- Tamm, K.; Parodi, O. (Eds.). (2018). *Personal Sustainability: Exploring the far side of sustainable development*. London and New York: Routledge.
- Trungpa, C. (2010). *True Perception: The Path of Dharma Art*. Boston & London: Shambala.
- Zumdick, W. (2013). *Death keeps me awake*. Baunach, Germany: Spurbuchverlag.

Resumo Biográfico

Sara Inácio (Lisboa, 1977).

Escultora, investigadora e educadora artística.

Educadora artística e mediadora cultural no Museu Calouste Gulbenkian (desde 2003). Concluiu o Mestrado em Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2016). Licenciatura em Artes Plásticas-Escultura na mesma Faculdade (2002). Bolseira do Programa Erasmus na Faculdade de Belas-Artes de Atenas, Grécia (2000). Formação artística complementar no Ar.Co, na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e na Associação de Arte e Comunicação Oficinas do Convento. É autora de várias obras de escultura pública: *A Caminho da Luz*, Sintra (2008); *Nem só de Pão vive o Homem*, Amendoeira da Serra, Mértola (2005); *Comunicação*, Montijo (2003). Tem realizado exposições individuais e coletivas em Portugal, Espanha e Itália (desde 1999). Em 2002 foi cofundadora do Nextart - Centro de Formação Artística (formadora nas áreas de desenho e escultura cerâmica).

Atualmente desenvolve a sua investigação de doutoramento na área de Escultura e Sustentabilidade, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Tem como hipótese de trabalho a premissa de que a sustentabilidade (na vida e na arte), num sentido profundo, implica a transformação do ser humano, o desenvolvimento de todo o seu potencial interior, a expansão da consciência e uma visão holística da existência.

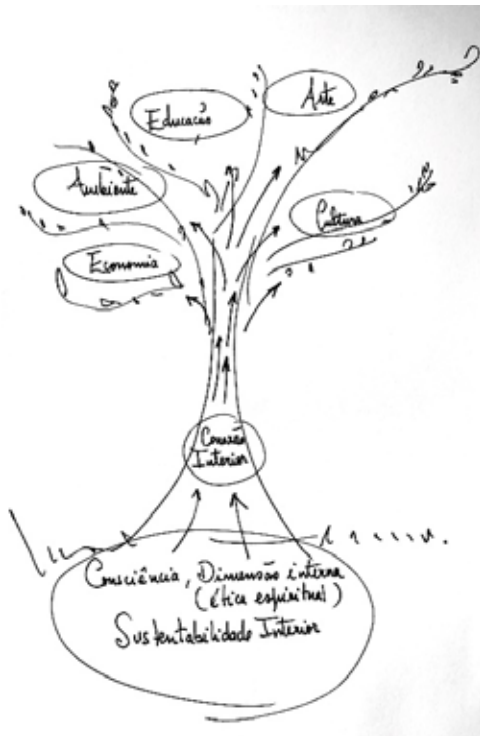


Fig. 1 – Dimensão interna da sustentabilidade como base a partir da qual emanam todas as áreas da vida.

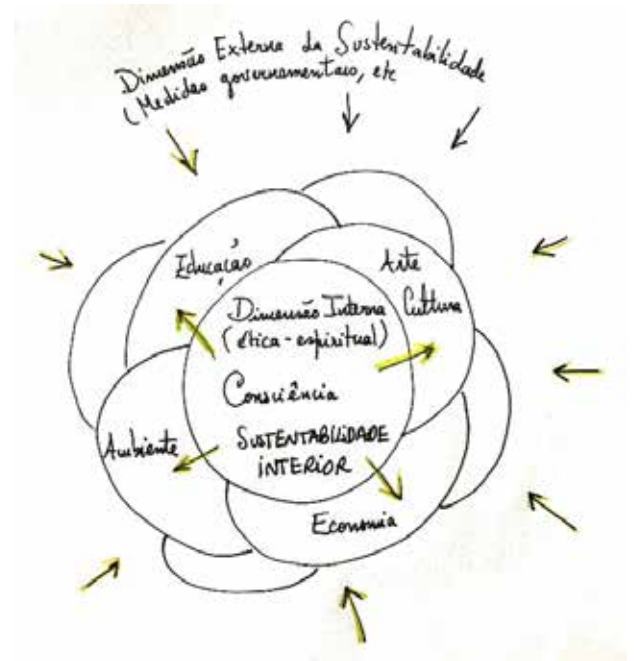


Fig. 2 – Dimensão interna da sustentabilidade como núcleo a partir do qual emanam todas as áreas da vida.

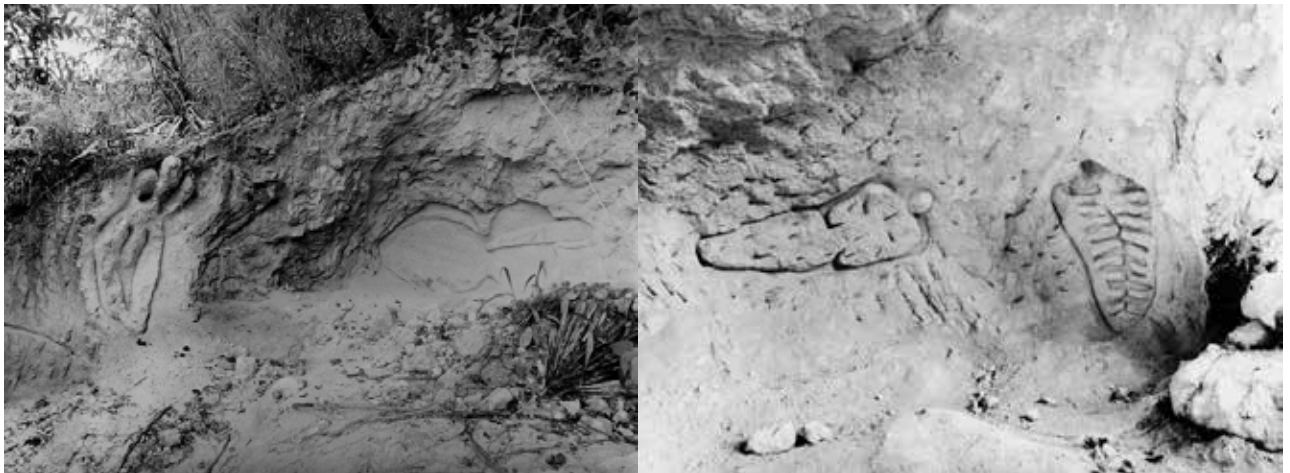


Fig. 3 – Série Esculturas Rupestres, Ana Mendieta, Parque Jaruco, Cuba, 1981.



Fig. 4 - Eyes Turned Inwards, Anish Kapoor, 1993.



Fig. 5 - Projeto de Escultura Social, Shelley Sacks.